



## **CONCEPÇÕES A CERCA DO ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RECIFE**

Maria Leandra de Siqueira Ferreira; Sheyla Alves Xavier; Orientadora: Clarissa Martins de Araújo

*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)- leandrasiqueir@hotmail.com;  
sheyla.xavier@hotmail.com; cmaraujo@ufpe.br*

### **Introdução**

O presente trabalho aqui apresentado decorre da pesquisa intitulada como “A prática pedagógica na escola no atendimento às crianças com deficiência – o papel do acompanhante na educação desse alunado”. Entendemos a importância e a necessidade do estudo e aprofundamento da primeira categoria de análise que versa sobre a trajetória histórica de pessoas com deficiência até chegarmos ao pressuposto da educação inclusiva, para a partir daí seguirmos adiante com nossa pesquisa.

Nesse sentido, o resgate da trajetória da pessoa com deficiência na educação evidencia ainda em nossa atualidade em ressignificar o papel da escola dentro do contexto da inclusão. Para tal, mais que o ato de introduzir o aluno na escola é necessário perceber esse espaço como local onde deve ser oferecida uma educação de qualidade para todos os seus alunos reconhecendo suas diferenças e apoiando todos os envolvidos no processo educativo: gestores, professores, pais, funcionários, AEE (interprete, itinerante e acompanhante) entre outros. Ou seja, a escola como espaço de formação social, é um espaço a ser reestruturado em seus pilares ainda tradicionais, para que a inclusão se efetive e que ponha um fim as práticas segregadoras.

Para fins de compreender a prática pedagógica da escola em estudo, nos debruçamos sobre nossa segunda categoria de análise. A reflexão sobre a prática pedagógica na escola com vista a educação de alunos com deficiência, se fez possível através da observação das ações desempenhadas pelos diferentes educadores presentes nesses espaços (docentes, discentes, gestores, AEE), na qual, nos levou a buscar entender, em particular, como tem se constituído o trabalho do acompanhante, profissional estagiário contratado pela rede municipal de ensino do Recife, no atendimento as necessidades educacionais desse alunado.

Dito isto, o nosso objetivo é compreender as concepções de Educação Inclusiva e do papel da escola na educação de pessoas com deficiência.



## **Metodologia**

A nossa pesquisa se apoia na abordagem qualitativa, uma vez que ela nos possibilita investigar um fenômeno integralmente, sem dissociar a realidade e o sujeito. Esse método é bastante utilizado em pesquisas na área de ciências sociais, de modo que os pesquisadores consigam ter clareza dos processos sociais que acarretam no fenômeno que será investigado (NEVES, 1996).

O local escolhido como campo para nossa pesquisa foi uma escola da Rede Municipal de Ensino do Recife que possui atendimento educacional especializado. É nesse cenário que nossa pesquisa toma corpo e ganha sentido na busca por compreender como se constitui o trabalho do acompanhante de crianças com deficiência em escolas dessa rede de ensino. A escolha se deu após pesquisa exploratória na busca de escolas que oferecem o AEE e que possuíam sala de recursos multifuncionais a sua disposição. A partir disso, optamos por conhecer com mais profundidade a realidade da escola que apresentou um trabalho diferenciado no atendimento educacional especializado e vêm recebendo apoio constante da Prefeitura da Cidade do Recife para execução de suas atividades. Para garantir o anonimato da escola optamos por denominá-la de *Escola A*.

Foram entrevistados 10 sujeitos, sendo eles: vice-gestora, coordenadora pedagógica, professoras da sala regular, professora do AEE e os acompanhantes de crianças com deficiência. Utilizamos a entrevista semiestruturada, com o objetivo de traçar o perfil desses sujeitos e compreender as ações e práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, voltadas para os alunos com deficiência.

## **Resultados e discussão**

Nesse primeiro momento de nossa análise, ao propor conhecer o papel da escola no atendimento aos alunos com deficiência, nos preocupamos em identificar qual é o significado que a própria escola traz em relação à educação das pessoas com deficiência. Para isso, nossas análises se deram desde a estrutura física da escola, em como esse espaço se constitui enquanto espaço formativo, como também, do ponto de vista de sua estrutura organizacional, ou seja, a partir da equipe pedagógica que é responsável pela educação desses alunos. Isso implicou em perceber o significado atribuído pela gestora, coordenadora, professoras da sala regular, professora do AEE e acompanhante à educação dos alunos com deficiência.

### *Caracterizando nosso campo de pesquisa*

A *Escola A* é de grande porte, com 525 alunos matriculados no ensino fundamental I e II e funciona em tempo integral. Apesar de apresentar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a acessibilidade como um dos pilares para a inclusão, a escola tem suas instalações físicas bastante



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

comprometidas, com apenas algumas rampas de acesso às salas de aula e um banheiro adaptado. A escola possui sala de recursos multifuncionais com diversos materiais à sua disposição e ultimamente vem recebendo um olhar diferenciado da Prefeitura da Cidade do Recife devido ao trabalho realizado pelo AEE da escola no atendimento às crianças com deficiência. São 23 crianças com deficiência matriculadas na escola, porém apenas quatro delas ficam em período integral, devido à escassez de acompanhantes no turno da tarde.

Como pudemos observar, a estrutura física da escola pesquisada nos revela pouca ou quase nenhuma preocupação com a acessibilidade arquitetônica pensada nos moldes da inclusão. Existem poucas adaptações na escola e os espaços não são pensados para os alunos(as) com deficiência, tornando mais difícil o acesso e deslocamento por suas instalações. A esse respeito, destacamos abaixo a fala da profissional de AEE da escola, que nos diz,

Trata-se de uma escola de tempo integral e que fisicamente falta muita coisa, e a gente na época de chuva, esses alunos que usam cadeira de rodas passam por muitas áreas de chuva, não há uma área de lazer na hora do almoço para que eles possam descansar e eles ficam no calor, na quentura, próximo a chuva, deixa muito a desejar a parte física da escola. A manutenção das salas de aula não são boas, apesar de serem climatizadas tem salas com problemas.

Como pudemos observar, apesar da escola ter espaços disponíveis para o atendimento educacional de alunos(as) com deficiência, alguns destes, como as salas de aula e o espaço de recreação apresentam-se de forma precária, sem condições para uma utilização adequada pelos educadores e educandos. Como nos chama atenção Freire (2002, p. 20),

É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.

Ao buscarmos conhecer melhor a escola, tivemos acesso a informação de que o AEE e a sala de recursos multifuncionais foram recebidos há cerca de 2 anos pela escola, e anterior a esse período, esta recusava a matrícula de alunos com deficiência. Esse fato fez com que compreendêssemos, até certo ponto, o porquê da escola ainda trazer consigo certas barreiras atitudinais na aceitação e acolhimento dos alunos com alguma deficiência. Além das barreiras arquitetônicas, a existência de barreiras atitudinais é outro fator que dificulta a educação desse alunado, pois estas dizem respeito a maneira como as pessoas compreendem e lidam com as diferenças, mais especificamente, na forma como se relacionam com as pessoas com algum tipo de deficiência. De acordo com Amaral (1998, p. 17), barreiras atitudinais “são anteparos nas relações



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

entre duas pessoas, onde uma tem uma predisposição desfavorável em relação à outra, por ser esta significativamente diferente, em especial quanto às condições preconizadas como ideais”. Ou seja, as diferenças se mostram como fatores negativos, abrindo espaço para a não aceitação do outro, por ser dito diferente, gerando com isso, discriminação e diferenciação no trato dele. Para superarmos tais barreiras, faz-se necessário uma postura diferente da escola e da sociedade, de modo (re)significar a educação das pessoas com deficiência. Nesse sentido concordamos com Sasaki,

Cabe, portanto, à sociedade eliminar todas as barreiras arquitetônicas, programáticas, metodológicas, instrumentais, comunicacionais e atitudinais para que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. (2009, p.45)

Diante desse dado, procuramos, então, entender o modo como o corpo escolar percebe a educação da pessoa com deficiência, uma vez que acreditamos que o significado a ela atribuído influencia as ações educativas relacionadas a educação desse alunado. Apesar de conter profissionais necessários para o atendimento aos alunos com deficiência conforme previsto nas políticas educacionais, alguns deles falam sobre as resistências de alguns colegas, sobretudo do professor da sala regular, em relação à proposta de educação inclusiva.

Acreditamos que um dos motivos que gera tamanha insegurança nos profissionais da *Escola A*, é que somente há dois anos a escola abriu as portas para alunos com deficiência com a implementação do AEE e da sala de recursos multifuncionais no local (como mencionamos anteriormente). Com exceção dos profissionais que atuam no AEE, todos os outros estão na escola a mais de dois anos e faziam parte do corpo escolar no longo período em se recusavam as matrículas desses alunos. Carvalho (2013, p. 74) chama nossa atenção à essas resistências a partir de um olhar mais compreensivo para argumentação desses profissionais, pois segundo a autora, “[...] considero tais resistências como naturais. O novo assusta e mudança é um processo lento e sofrido. Creio que, ao refletir sobre as resistências devemos examiná-las a partir da argumentação daqueles que resistem”. Os professores, por sua vez, justificam essa resistência com a falta discussão aprofundada sobre esse tema na formação inicial e continuada, gerando conseqüentemente a insegurança na educação desse alunado. Sobre isso, elas revelam que,

Infelizmente não né, assim, a gente recebe orientações, mas uma formação específica não né, inclusive na minha formação eu ainda não tive oportunidade de fazer um curso voltado pra educação especial. Primeiro por que gera um custo, segundo por que não é dada oportunidade até então. Até então não foi dada a oportunidade ainda. (Professora 01)

No meu ver assim a preparação do professor em si mesmo, eu no caso, como estou retornando pra sala de aula depois de muitos anos fora da sala né, na época que estava em sala de aula nunca tive aluno especial, tô tendo agora, então tô aprendendo com eles, eu tô



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

aprendendo digamos assim na “marra” na força, apesar da boa vontade de pesquisar de ir atrás, e aprendendo no dia a dia assim, por que a gente não tem formação suficiente pra isso. (Professora 02)

Mantoan (1994) analisa essa necessidade de formação nessa área do conhecimento, como uma ferramenta que os professores esperam para saber lidar com os problemas do cotidiano da escola, como uma “solução de problemas” no espaço das escolas que se dizem inclusiva.

A formação do corpo escolar para trabalhar na perspectiva da inclusão é bastante defasada, a exceção do profissional do AEE, todos os demais não passaram nem passam por formação na área de inclusão. Alguns deles relatam que a Prefeitura da Cidade do Recife, promove algumas formações a esse respeito, mas que geralmente contemplam apenas o AEE, ocorrendo pouca ou quase nenhuma formação para os demais profissionais.

O tempo de experiência profissional, juntamente com a formação diferenciada dos profissionais, se revela, portanto, como um fator determinante para a educação de alunos com deficiência, tanto no que tange ao trabalho docente em sala de aula e fora dela, como na produção de saberes inclusivos por aqueles que estão envolvidos com a educação desse alunado (professor da sala regular, AEE, acompanhante).

Percebemos que apesar dos sujeitos se aproximarem dos ideais da educação inclusiva, o que fica claro no depoimento das professoras da sala regular, do profissional do AEE e de alguns acompanhantes sobre a educação inclusiva,

O que eu acho em relação a essa questão da inclusão é que é positiva, é importante né, importante não só para o deficiente mas para os ditos **normais**, por que eles aprendem a conviver com as diferenças né, a respeitar e vão crescer e vão ser adultos que vão saber respeitar a pessoa com deficiência. (Professora 02 – grifo nosso).

A educação inclusiva não trata somente dos meninos com deficiência e transtornos, trata de todos, o gordo, o magro o preto, o branco, é uma educação que ela é global, em todo o mundo, em todo lugar, não é só na escola também, educação é em todos os lugares, agora na escola a gente tem uma força maior voltada para os meninos que apresentam deficiências, síndromes, transtornos, que necessitam de maior apoio, maior trabalho pra incluir. (Profissional do AEE)

Entendemos que para que a escola se constitua inclusiva, é necessário que ela, em sua totalidade, esteja preparada para receber e trabalhar com todos os alunos. Isso implica no planejamento de ações educativas com os envolvidos com a educação de alunos e alunas com deficiência (gestor(a), coordenador(a) pedagógico(a), professores(as) da sala regular, professor(a) do AEE e os(as) acompanhantes), de modo a identificar a relação que os educandos mantêm com o conhecimento e que relação elas desejam estabelecer com os alunos a fim de ajudá-los na construção do conhecimento e formação e inserção social (SOUZA, 2006).



## **Conclusões**

A pesquisa realizada nos possibilitou conhecer com maior profundidade a realidade de uma escola que possui matriculados alunos com deficiência, nos propomos a observar que ações eram desenvolvidas para ofertar a educação desses alunos, nessa direção buscamos investigar como os diferentes sujeitos que compõem o quadro de profissionais contribuíam para a formação, identificação e trabalho desenvolvido pelo acompanhante de crianças com deficiência com vistas à efetivação do AEE - Atendimento Educacional Especializado.

Reconhecemos as dificuldades que a escola passa seja de cunho estrutural, como as instalações físicas, os recursos e o apoio por parte da PCR, seja ela de cunho organizacional, como a divisão de tarefas a articulação e planejamento das ações. Dentre as dificuldades encontradas a mais expressiva diz respeito as barreiras atitudinais, que em nossa compreensão precisam ser melhores trabalhadas nessa escola, para fins de sua superação, pois essa barreira impossibilita a efetivação da educação que se pauta nos pressupostos da inclusão.

## **Referências Bibliográficas**

AMARAL, Ligia Assumpção. **Sobre crocodilos e avestruzes**. In: AQUINO, J. Diferenças e preconceitos na escola. SP: Sumus, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre, Editora Mediação, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **A inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** Campinas, Editora Moderna 1994

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa- Características, usos e possibilidades**. São Paulo, 1996. Disponível em:  
<[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_qualitativa\\_caracteristicas\\_usos\\_e\\_possibilidades.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf)> Acesso em: 01 de Dezembro de 2015.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8ªed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOUZA, J. F. de. **Prática pedagógica e formação de professores/** João Francisco de Souza; organizadora: Inez Maria Fornari de Souza. – 2.ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.